

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO VIII, Nº248 - DEZEMBRO - PORTO VELHO, 2009.  
VOLUME XXVI - SET/DEZ  
ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - PUC-RGS  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

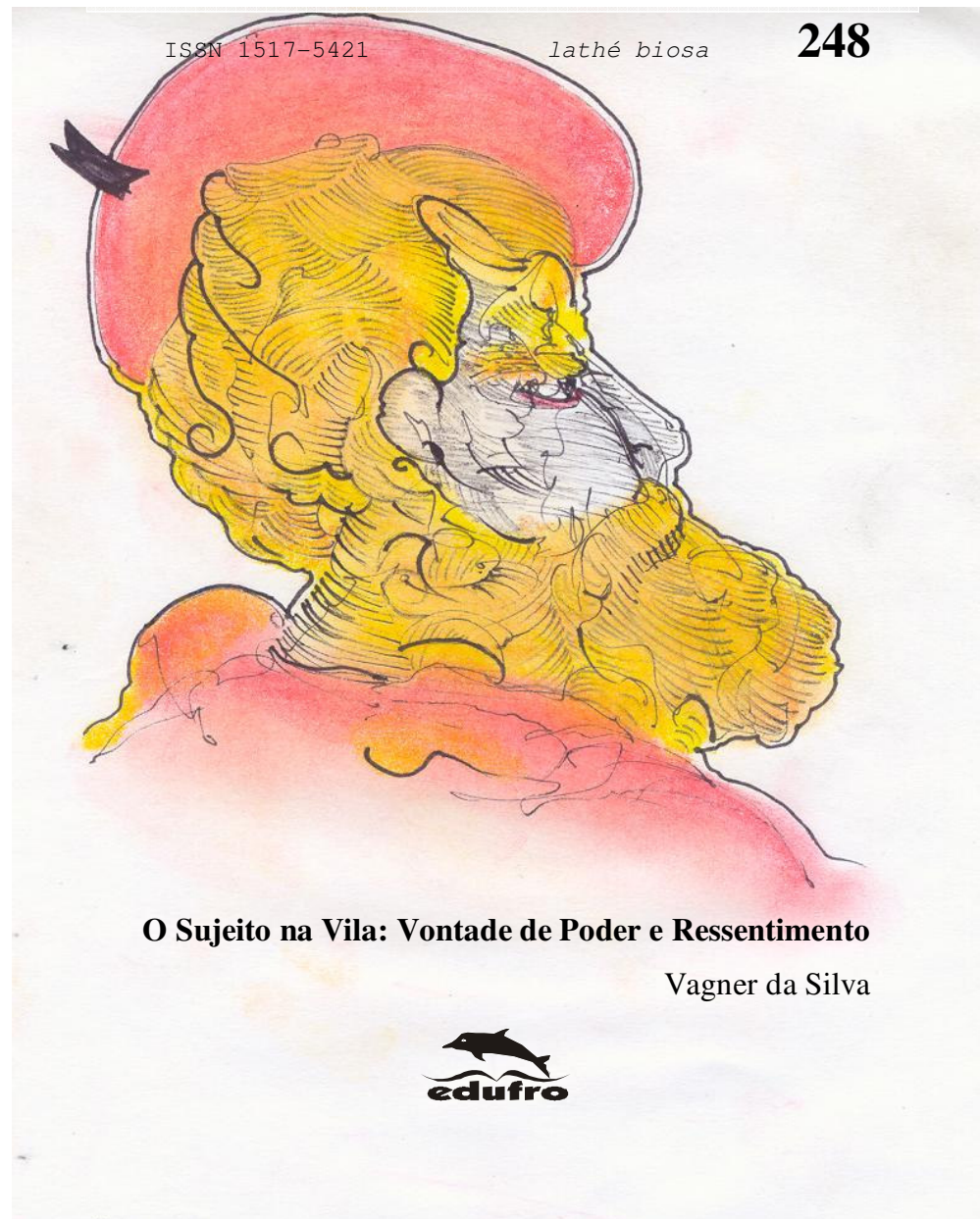
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**248**



**O Sujeito na Vila: Vontade de Poder e Ressentimento**

Vagner da Silva



**Vagner da Silva<sup>1</sup>**

vagnerdasilva@hotmail.com

## **O Sujeito na Vila: Vontade de Poder e Ressentimento**

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo. 8; 32)

“O que é a verdade?” (Jo. 18; 34)

Não sem alguma malícia escolhi as epígrafes acima para iniciar este artigo. Embora não sejam passagens contíguas no Evangelho de João, a primeira sendo palavras de Jesus, e a segunda uma pergunta que lhe foi feita por Pôncio Pilatos, me parece que as duas juntas formam um dos mais breves e brilhantes discursos da literatura humana: a busca de uma libertação através da verdade, e ao mesmo tempo um total desconhecimento do que pode vir a ser a verdade, talvez até uma pergunta irônica pelo sentido da verdade.

Quero dedicar este texto a uma análise de até que ponto precisamos da verdade, ou de alguma verdade para viver, porém pretendo fazer esta análise a partir de dois pontos específicos: o filme *A Vila* (*The Village*) do cineasta indiano M. Night Shyamalan, lançado no ano de 2004 e alguns elementos do pensamento de Nietzsche.

### *O Filme.*

O filme é bastante envolvente, se passa em uma pequena vila rural cercada por uma bela floresta outonal. Todavia na floresta escondem-se criaturas terríveis às quais os moradores da vila se referem como “aqueles de quem não falamos”. A vila foi construída por um grupo de homens e mulheres que ainda a governam. Todos eles fugiram das cidades carregando uma herança comum: o medo. O medo é o sentimento fundador da vila, afinal todos que estiveram presentes em sua fundação foram de algum modo vítimas das mais terríveis violências nas cidades, motivo de sobra para que fugissem delas e se refugiassem neste vilarejo bucólico e protegido de todo o mal das cidades, sujeito apenas ao mal proveniente “daqueles de quem não falamos”, mas estes são sempre mantidos fora da vila por um pacto bastante simples: “nós não invadimos suas florestas, eles não vêm à nossa vila”.

A vila foi construída com a perspectiva de que lá não houvesse os problemas das cidades, em especial o problema da violência e do homicídio, o que não exclui a morte. Todavia este isolamento inevitavelmente deixa os habitantes da vila à margem de toda inovação tecnológica, até das mais simples: remédios.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia Social e doutorando em Filosofia da Educação pela Universidade de Campinas – Unicamp.

Este é o motivo que leva o jovem Lucius Hunt<sup>2</sup> a pleitear, sem sucesso, por duas vezes junto ao conselho dos anciãos o direito de atravessar a floresta, mesmo enfrentando as criaturas que lá habitam, e ir até às cidades em busca de medicamentos. As tentativas de Lucius Hunt são sempre frustradas por um motivo bastante simples, mas que o enredo do filme nos esconde até o fim: a vila é uma farsa. As temíveis criaturas são os próprios anciãos vestidos com fantasias.

Este artifício foi claramente concebido e posto em prática por eles para que o medo se tornasse o elemento de união e centralização da comunidade. Porém este medo só afeta os jovens, pois os mais velhos sabem que não passa de uma farsa. O medo aqui é posto como uma espécie de herança de fundação: se é o medo das cidades que funda a vila, é o medo “daqueles de quem não falamos” que mantém sua estrutura interna, impedindo que os jovens questionem os mais velhos e queiram romper o elemento de sustentação da vila: o isolamento, única forma de impedir o “contágio” com as cidades.

Mesmo a morte de uma criança, filho de um dos fundadores da vila, provavelmente por alguma doença comum na infância, não é suficiente para demovê-los da idéia de manter a vila um espaço isolado do mundo. Afinal, admitimos que a natureza nos mate, e isso não nos causa tanta dor como quando a morte vem por um outro de nós, de nossa espécie. O problema maior da vila é a intencionalidade da ação. Lá, e creio que não somente lá, é fácil perdoar a natureza por nos causar dano, mas quando imaginamos um homem, um sujeito supostamente livre, fazendo as mesmas coisas, não podemos admitir.

A situação toda se altera quando acontece um crime na vila. O mal do qual haviam fugido surge entre eles, mesmo apesar de todos os esforços educativos (ou adestrativos), para fazer calar nos indivíduos deste grupo toda tendência destrutiva. O responsável pelo ato é o personagem Noah Flint<sup>3</sup>, que na falta de uma expressão melhor vou qualificar como louco. A vítima é Lucius Hunt, esfaqueado por Noah (um ataque da loucura à razão?), mas o motivo do crime é o que mais interessa: paixão. Lucius acabara de se tornar noivo da bela Ivy Walker<sup>4</sup>, por quem Noah também era apaixonado. Esse acontecimento causará uma intensa

---

<sup>2</sup> Os nomes de alguns personagens do filme são bastante significativos, é o caso de **Lucius Hunt**. O primeiro nome, de origem latina, possui o mesmo radical (luci) que forma as palavras latinas que designam luz (luci) e claridade, fulgor (lucidus). O segundo nome é o verbo caçar em inglês, que possui o mesmo radical de hunter (caçador). Deste modo podemos dizer que o personagem é um caçador lúcido. Gostaria de lembrar que em nossa espécie a caça sempre esteve ligada à visão, ao contrário de outros animais. Visão que também é o sentido da racionalidade por excelência, e para termos certeza disso não precisamos ir longe, basta lembrarmos do período das luzes, e dos próprios métodos científicos, que em suas etapas sempre requerem a observação. Associando a racionalidade à personalidade de Lucius Hunt, podemos entender melhor seu quase constante mutismo, e também o motivo porque, nas duas vezes que se apresenta ao conselho dos anciãos (os fundadores da vila), o faz através de um texto escrito: a escrita está na base da racionalidade, ou esta na base daquela, como se queira. Mas também porque a razão não admite improvisações.

<sup>3</sup> O nome Noah Flint também permite interessantes reflexões. **Noah** é o nome inglês do personagem bíblico Noé. Podemos dizer também e sem precisar argumentar muito que Noé é um louco. Sua loucura não consiste em ouvir a voz de Deus, muito menos em meio a um povo que sempre fez isso, mas levar suas palavras a extremos, construindo sua bendita arca, embora também possamos chamar isso de fé, o que também não era raro entre os Hebreus, e até com rompantes mais extremados, como é o caso de Jó e Abraão. Mas Noé tem outra peculiaridade que também encontraremos em Noah: ele não assume seus erros, o que fica claro pela maldição que lançou sobre seu filho Cã, por este lhe ter visto nu, mesmo sendo Noé, o único culpado por sua embriaguez e nudez. O segundo nome, **Flint**, é o mesmo que pederneira em português. Uma pedra bastante dura, que atritada com outra semelhante pode produzir fagulhas, a mesma pedra que se usa em isqueiros. Poderia então, com alguma liberdade, dizer que Noah Flint é um incendiário extremado ou desmedido.

<sup>4</sup> Também Ivy Walker é um nome instigante. **Ivy** é uma planta de tipo trepadeira dos Estados Unidos, semelhante à hera, mas não é só, nos Estados Unidos existe uma variante da planta, conhecida como Poison Ivy, que é uma trepadeira venenosa, que causa forte irritação na pele, como a urtiga. A palavra Ivy também guarda semelhanças em seu radical com a

reviravolta na estrutura da vila, e levará seus anciãos a importantes discussões e permitirá que Ivy atravesse a floresta em busca de medicamentos para seu amado. Todavia creio ter narrado o suficiente do filme para que possa fazer a análise a que me propus, alguns outros elementos aparecerão inevitavelmente ao longo do texto.

*A verdade dos anciãos: Vontade de Poder e fundamentalismo.*

Quero aqui tratar o fundamentalismo não apenas como comportamentos ou idéias radicais e extremadas, mas também, e principalmente, como os comportamentos e idéias radicais e extremadas que se encontram na base de todo processo criativo de uma realidade, ou seja, na base de toda fundação de uma nova realidade, assim poderei mostrar o fundamentalismo dos anciãos como um ato de Vontade de Poder e também de ressentimento.

A vida para Nietzsche se manifesta via de regra através da expansão, que nem sempre é favorável ao indivíduo mais forte, como poderiam pensar os adeptos de Darwin. Esta *característica* expansiva da vida o filósofo alemão denominou de Vontade de Poder. A natureza se move de modo a criar indivíduos cada vez mais potentes, indivíduos criadores de novos valores, de novos mundos, que justifiquem e façam a própria natureza expandir-se sobre territórios até então não seus. Porém este indivíduo não nasce pronto, ele é produzido, preparado, através de diversas provas e testes, todos eles duros:

Anti-Darwin. No que concerne à célebre luta pela vida, ela me parece a princípio mais afirmada do que provada. Ela acontece, mas enquanto exceção; o aspecto conjunto da vida não é a indigência e a penúria famélicas, mas muito mais a riqueza, a exuberância, mesmo o desperdício absurdo – onde há luta, luta-se por potência... Não se deve confundir Malthus com a natureza. No entanto, suposto que haja esta luta – e, de fato, ela se dá -, ela transcorre infelizmente de modo inverso ao que a escola de Darwin deseja; de modo inverso ao que talvez se pudesse desejar: isto é, em detrimento dos fortes, dos privilegiados, das felizes exceções. As espécies não crescem em meio à perfeição os fracos sempre se tornam novamente senhores sobre os fortes. Isto acontece porque eles estão em grande número e porque eles também são mais inteligentes... Darwin esqueceu o espírito (-isto é inglês!), os fracos possuem mais espírito... É preciso ter necessidade de espírito para obter um espírito – nós o perdemos quando não temos mais necessidade dele. Quem possui a força se desprende do espírito (-“Deixemo-lo ir!” pensa-se hoje na Alemanha – “O império há, contudo de permanecer conosco”...). Eu entendo por Espírito, como se vê, a cautela, a paciência, a astúcia, a dissimulação, o grande autocontrole e tudo que é mimicry (a este último pertence uma grande parte da assim chamada virtude). [Nietzsche, 2000b, p. 75.]

---

palavra ivory (marfim), símbolo de brancura. Não é só, há ainda a famosa Ivy League, uma liga feminina, formada por brilhantes ex-acadêmicas de algumas das maiores, mais ricas e famosas universidades norte americanas: Harvard, Princeton e Columbia. Nos estados Unidos a expressão é sinônimo de inteligência. O segundo nome da personagem é **Walker**,

Mas às vezes estes indivíduos vingam e surgem os grandes artistas, conquistadores, legisladores, aqueles que de um modo geral podemos chamar de civilizadores, que irão indicar aos outros, aos pequenos, aos que fracassaram nos testes de resistência e criatividade impostos pela natureza, o caminho que eles devem seguir. Este criar caminhos e impor ao mundo e aos que estão no mundo a sua vontade é uma das características da Vontade de Poder. Em um breve texto de Nietzsche lê-se: “ao devir *impor* o caráter do ser – essa é a máxima *vontade de poder*” [Nietzsche, 2002b, p. 94.]. Para ele grandes conquistadores como César e Napoleão, e também artistas como Goethe, não estavam e não deveriam estar preocupados com a verdade, ou com as gerações futuras, queriam apenas imprimir no mundo sua vontade, sua aparência, sua força. Para Nietzsche os fracos também têm essa pretensão, todavia sabem-se incapazes, e por isso advogam uma outra espécie de transformação, uma na qual a vida é desvalorizada, e onde se requer menos das pessoas: uma moral tolerante e passiva no cristianismo atual, por exemplo; ou a democracia na política; ou uma vila que seja uma repetição, não uma inovação, uma manutenção, não uma expansão. Um dos elementos constitutivos do comportamento destes homens, que Nietzsche nomeou de últimos homens, é a falta de força para viver. Nos últimos homens a vida se desvaloriza ao extremo, a vida quer perecer.

Proponho que os anciãos da vila, mas em especial o senhor Walker líder do grupo dos anciãos, e o legítimo criador da idéia e organizador da vila<sup>5</sup> sejam vistos como estes últimos homens, que foram submetidos a duras provas e sucumbiram, e buscam na vila uma forma de se refugiar do mundo e criar um lugar no qual suas Vontades de Poder tenham algum efeito. Proponho também que a vila seja vista como sua grande obra, a grande manifestação de suas Vontades de Poder, Vontades de Poder decadentes e ressentidas. Para isso quero ressaltar ainda um outro ponto sobre a Vontade de Poder: sua irracionalidade. Alguns intérpretes do pensamento de Nietzsche vêem-no como um utilitarista (em especial ingleses e norte-americanos), como se a Vontade de Poder atuasse através de cálculos, nos quais se escolhe o prazer e se evita a dor. Porém o próprio Nietzsche manifestou-se contrariamente a este utilitarismo afirmando que:

O ser humano não procura o prazer e não evita o desprazer: que se perceba quais preconceitos famosos eu com isso contradigo. Agrado e desagrado são meras conseqüências, meros fenômenos secundários, - o que o ser humano quer, o que cada partícula de um organismo vivo quer é um a-mais de poder. Da busca disso decorre tanto agrado quanto desagrado; partindo de tal vontade, ele busca resistências, ele precisa de algo que se contraponha. O desagrado enquanto entrave à sua vontade é, portanto, um fato normal, o ingrediente normal de todo acontecer orgânico, o ser humano não foge a isso; pelo contrário, ele tem nisso algo continuamente necessário, toda vitória, toda sensação de prazer, todo acontecer pressupõem uma resistência vencida. [Nietzsche, 2002b, p. 99.]

---

que significa andarilho. Nada pode parecer mais irônico que um andarilho cego, todavia lembremos que na base da formação mitológico da sociedade ocidental, há um cego bastante famoso, ele também andarilho: Édipo. E me parece que nenhum personagem literário viveu tanto as solicitações de uma razão e uma loucura, ambas extremadas como Édipo.

<sup>5</sup> O papel de fundador e mantenedor da vila cai muito bem ao senhor Walker, para isso corrobora seu *cargo* de único professor do grupo. Isso permite pensarmos os professores como fundadores, ou ao menos mantenedores de algum tipo de realidade, como p. ex. a realidade na qual a alienação e a ignorância são ruins, e que as pessoas devem estudar para abandoná-las e conseqüentemente submeterem-se à Vontade de Poder destes professores.

A partir deste texto posso afirmar que os fundadores da vila não a criaram apenas buscando fugir da dor e sofrimento que experimentaram com a morte dos seus. Mas que eles buscaram a criação de um mundo no qual suas Vontades de Poder não fossem superadas. Não é da dor ocasionada pela morte que eles fogem, a morte continua lhes seguindo sempre, o que é mostrado logo nas primeiras imagens do filme, quando um pai sepulta seu filho. A dor da qual fogem é a da incapacidade. O próprio Nietzsche afirmou que um humano sofre muito mais quando é agredido por outro humano do que quando é agredido pela natureza<sup>6</sup>, e não é apenas por acreditar que o agressor tinha outra escolha, a escolha de não agredir, mas também e principalmente, porque essa agressão implica um atentado contra sua Vontade de Poder. Então não há uma fuga da dor, ela acompanha cada fundador na forma das lembranças domésticas que cada um deles esconde dentro de caixas em suas casas, sempre trancadas à chave, mas para eles é preferível essa dor diária e quotidiana que um enfrentamento de uma realidade que os feriu e marcou profundamente, é preferível a dor da perda à dor da impotência que revela a incapacidade da Vontade de Poder. A vila enquanto obra da Vontade de Poder dos seus criadores é também e simultaneamente uma obra prima da mentira, mas não poderia ser diferente.

*A vila, uma verdade além do bem e do mal.*

Em 1873 Nietzsche escreveu o texto *Sobre Verdade e Mentira em Sentido Extramoral*, apesar de breve o texto é de grande importância para a compreensão da crítica que o filósofo faz da verdade. No texto a verdade é mostrada como uma mentira coletiva. Devido à fraqueza física do homem ele desenvolveu um outro instinto: o intelecto, que lhe permitiu criar a arte da dissimulação: a linguagem. A linguagem surgiu originalmente como forma de uns homens triunfarem e enganarem outros, todavia com a necessidade de viver gregariamente os homens passaram a usar a linguagem para designar o mundo a sua volta, chegando a acordos políticos sobre o que receberia cada designação, deste modo, a verdade tem um estabelecimento político, e a mentira torna-se então, um atentado contra as forças políticas que estabeleceram as designações corretas, a verdade é uma aceitação coletiva da mentira.

A verdade constitui-se a partir de uma série de relações políticas de poder, mas para que seja mantida como verdade sua origem deve ser esquecida, tomada como sagrada, como dogma inquestionável. Por isso é ato de heresia questionar os princípios básicos e origem dos fundamentos das religiões. O mentiroso deste modo é sempre um meio mentiroso. Ele usa instrumentos da mentira coletiva (palavras), para designar coisas, acontecimentos, ações, estados etc. que não são coincidentes com a designação geral, estabelecida a partir de relações de poder.

---

<sup>6</sup> A este respeito conferir um dos mais importantes fragmentos não publicados por Nietzsche sobre o niilismo, seu famoso *O Niilismo Europeu*, com uma ótima tradução em português: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A “Grande Política”, fragmentos**. Introdução, seleção e tradução: Oswaldo Giacóia Jr.. Campinas: Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH-UNICAMP, 2002.

A busca pela verdade e sua preferência em relação à mentira é um ato moral, está ligado ao preconceito moral de que a verdade é superior à mentira. É claro que uma afirmação como esta se põe em choque não apenas com toda a tradição religiosa da humanidade, mas também com toda a tradição filosófica e científica. Mas com isso Nietzsche não quer ainda interditar a busca da verdade em favor da mentira, pois preferir a mentira à verdade não seria melhor, pois no fundo se teria apenas uma inversão de papéis, pois aquilo que é tomado por verdadeiro hoje em algum momento foi mentiroso, abandonar a verdade e aceitar a mentira como padrão de vida, seria o mesmo. Isso imaginando apenas os dois extremos da mesma linha verdade/mentira, e ignorando todas as gradações que se encontram entre ambas: as meias-verdades, as quase-mentiras etc. Para o pensador alemão, mais importante do que escolher e aceitar uma em detrimento da outra é saber qual das duas aumenta a quantidade de poder. É a partir da Vontade de Poder como critério que Nietzsche defenderá a idéia de que muitas vezes a mentira é superior à verdade:

(...) Com todo o respeito que possa merecer o que é verdadeiro, veraz, desinteressado: é possível que se deva atribuir à aparência, à vontade de engano, ao egoísmo e à cobiça um valor mais alto e mais fundamental para a vida. É até mesmo possível que aquilo que constituí o valor dessas coisas boas e honradas consista exatamente no fato de serem insidiosamente aparentadas, atadas, unidas, e talvez até essencialmente iguais, a essas coisas ruins e aparentemente opostas. [Nietzsche, 1992, p. 10.]

Os fundadores da vila mentem? Sim, eles mentem. Eles são estes meio-mentirosos que usam um sistema verdadeiro de comunicação (a linguagem) e que no fundo não passa de uma mentira coletivamente aceita. Eles utilizam este sistema para fundar uma nova verdade na qual esteja a marca de sua Vontade de Poder, que aqui é decadente porque essa criação é uma repetição e será sempre mentirosa para aqueles que não compactuam com eles. A vila pode-se dizer, é sua assinatura no mundo.

Aqui se pode fazer, a respeito dos fundadores, o questionamento moral: a mentira não é errada, não é o mal? Porém a pergunta não faz sentido porque trai a si mesma, pois essa mesma moral também é mentira porém, uma mentira coletivamente aceita. Mas sabendo-se então que a verdade é uma mentira coletivamente aceita, atentar contra ela não seria atentar contra a coletividade e enfraquecê-la? Gostaria de responder esta pergunta por dois caminhos, o primeiro: a possibilidade daquele que assume o papel de fundador de romper com o estabelecido; segundo, a importância da mentira.

Preciso fazer ainda uma observação antes das respostas: a mentira assumirá papel diferente dependendo da pessoa que minta. O comportamento dos homens superiores<sup>7</sup> e dos últimos homens é bastante parecido, o que diferencia um do outro é o produto final: enquanto nos homens superiores há uma criação, nos últimos homens há uma repetição.

---

<sup>7</sup> Em toda a filosofia de Nietzsche encontramos pares lingüísticos antagônicos: senhor/escravo, forte/fraco, homens do amanhã/últimos homens, homens superiores/homens inferiores etc. entre eles não há uma diferença em essência ou coisa assim, o que os difere é o grau de seu ressentimento com a vida, os tipos fracos para Nietzsche são aqueles que em face da terrível descoberta de que a vida não tem sentido, ou seja, o niilismo, fogem da vida, tentam encontrar um novo valor, deixam-se abater ou ignoram esta realidade, retornando para o seio já exaurido de Deus. Os fortes se resignam a esta realidade, e buscam criar algo novo, todavia essa criação ainda é uma tentativa de negar o anterior estado de coisas.

Na segunda dissertação do livro *A Genealogia da Moral* Nietzsche mostra a sociedade como um pacto entre seus fundadores, uma obrigação dos mais fortes uns para com os outros, a obrigação de cumprir promessas que eles mesmos haviam feito. Só o homem superior é capaz de fazer promessas e cumpri-las. Cumprir uma promessa significa ter tanto controle sobre si, e sobre as infinitas variáveis à sua volta, que se poderá no futuro continuar querendo o que se quis no passado, daí nasce todo o sentimento de nobreza e honra que se encontrou nas sociedades aristocráticas.

Os fundadores da vila assumem um pacto entre si, assumem uma responsabilidade que não é com o futuro ou com os jovens, mas uns com os outros, de continuar querendo a vila e suas regras absolutas, independente do que aconteça. Inevitavelmente este pacto que para os fundadores é um compromisso de força gera uma moral. Se para os fundadores a manutenção deste pacto é um exercício de Vontade de Poder, pois requer lutas acerbadas, em especial quando são novamente defrontados com a morte, como a de uma criança que poderia ser curada por um simples antibiótico; para os mais jovens a obediência a este pacto é um ato de submissão e enfraquecimento de sua Vontade de Poder.

Os mais velhos porém são moralistas, fundadores de uma moral na qual se encontram todos os valores da moral cristã, em especial a negação das paixões. Todavia entre estes homens capazes de assumir promessas uns com os outros motivados por uma vontade comum de fugir à realidade que lhes cercava nas cidades, há um capaz de romper o pacto. Este é o senhor Walker. Quando permite que Ivy saia da vila, ele aceita um furo na moral que ele mesmo criou. Como maneira única de manter esta moral, ele obriga que a moral se expanda e abarque situações e casos que anteriormente não abarcava.

Poderíamos sem dúvida categorizar o comportamento dos fundadores como utilitarista. A fundação da vila está baseada em um cálculo bastante simples: "é preferível, menos doloroso, a vida na vila, onde estamos à mercê apenas da natureza, do que nas cidades, onde também estamos à mercê dos homens". Esta negação da natureza humana em toda sua amplitude é o ato máximo da moral na vila. Dentro deste comportamento utilitarista o senhor Walker representa o ressentimento máximo, ele é o que leva o cálculo utilitarista mais além: se ele não permitisse que a regra básica da comunidade (não invadir as florestas) fosse quebrada, sentenciaria a comunidade ao próprio fim, pois como ele mesmo afirma no filme, o lugar perderia sua inocência. Ele faz então, um arriscado cálculo no qual a dor presente pode ser maximizada (pela eventual morte de Ivy e Lucius), em favor de um prazer futuro bastante duvidoso. Mas ele não é capaz de se responsabilizar sozinho pelo seu ato, e após tomá-lo precisa comunicá-lo aos outros anciãos, dividir o peso da culpa que o pode esmagar, o senhor Walker mostra-se incapaz de responder por si. Aqui há um ponto bastante interessante que nos permite ver a profundidade com que Nietzsche tematizou a moral fugindo a categorizações: um homem superior poderia tomar a mesma atitude do senhor Walker e também quebrar sua palavra, arriscando o futuro e vida seus e da comunidade, porém este homem superior se responsabilizaria sozinho por seus atos, sem precisar confessá-lo aos demais.

(...) o indivíduo soberano, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supramoral (pois "autônomo" e "moral" se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode fazer promessas – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento



de realização. Este liberto ao qual é permitido prometer, este senhor do livre-arbítrio, este soberano – como não saberia ele da superioridade que assim possui sobre todos os que não podem prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanta reverência desperta – ele “merece” as três coisas – e como, com esse domínio sobre si, lhe é dado também o domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza e todas as criaturas menos seguras e mais pobres de vontade? [Nietzsche, 1998, p. 49.]

A partir da pergunta colocada por Nietzsche ao fim desta citação volto ao questionamento moral de, mesmo sabendo-se que a verdade é uma mentira coletiva, não seria importante mantê-la, e neste caso, atentar contra ela seria atentar contra a coletividade, em cuja base se encontra os homens fortes e capazes de fazer promessas? Havia me proposto a responder essa pergunta por dois caminhos, o primeiro era o significado da ruptura da promessa inicial, agora responderei ao segundo – a importância da mentira. A mentira está presente tanto no homem superior quanto no último homem, aqui novamente o que a diferencia é aquilo que cada mentira cria.

O homem superior só pode controlar e conduzir os outros porque ele se dá o direito de mentir, e assume sobre si, para si, todas as responsabilidades advindas de suas mentiras, inclusive a responsabilidade da desestruturação social, possível a partir do momento em que ele mentindo, retira a palavra empenhada aos que com ele se comprometeram. Para este homem superior, mais importante do que a manutenção da sociedade é sua necessidade de assumir responsabilidades novas.

(...) O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante – como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência... [Nietzsche, 1998, p. 50.]

Este assumir compromissos e responsabilidades, que este grande homem chamaria de consciência, é também sua Vontade de Poder, mentir é criar novas realidades, isso também é Vontade de Poder, porém Vontade de Poder ascendente. Aquele que assume os compromissos da transformação, não importa em qual escala isso se dê, seja a de um estadista, seja a de um professor, dá-se o direito de mentir, de burlar a realidade já estabelecida, e construir uma nova realidade. Enquanto no homem superior a mentira é o primeiro passo para a criação de uma nova realidade afirmadora da vida e de sua realidade, mesmo as mais duras, no último homem a mentira é o caminho de fuga da vida, é através dela que ele funda a vila e passa a negar uma parte significativa do próprio ser-humano que é a força de suas pulsões.

Há então um duplo sentido na moral: ela favorece a vida, ela expande os campos da experiência, ela é Vontade de Poder forte e ascendente, mas também pode ser uma proteção contra o horror da verdade, a única que Nietzsche sempre aceitou: a vida não tem nenhum sentido transcendental, e a existência humana é um mero acaso. Quantos são fortes o suficiente para agüentar o peso de tal verdade? Por isso a mentira favorece a vida, mesmo em sua forma mais perigosa, a moral:

Portanto a moral tem defendido a vida diante do desespero e do salto para o nada naquelas pessoas e naquelas classes que foram violentadas e oprimidas por seres humanos: pois é a impotência diante dos homens, e não a impotência diante da natureza, que gera a amargura mais desesperada contra a existência. [Nietzsche, 2002b, p. 50.]

A moral, e a mentira que a moral representa, protegeu aqueles que não poderiam enfrentar o mais terrível e devastador niilismo. A moral foi em certa medida uma válvula de escape, através da moral o homem poderia mentir para si mesmo, e admitindo que havia um pós vida, criar uma ética própria. Ética de enfraquecimento e desestruturação do homem, uma ética que por buscar apenas a manutenção, e não a expansão da vida, já sentenciava-se à morte. Todavia para Nietzsche a moral se distingue das outras mentiras por uma peculiaridade, ela é uma mentira que busca a verdade.

#### *Niilismo, fundamentalismo e ressentimento na fundação da vila.*

Tendo compreendido a moral como a mais perigosa de todas as mentiras, perigosa justamente porque esquece que é mentirosa também, e lança-se na busca pela verdade, podemos analisar a relação entre niilismo, fundamentalismo e ressentimento.

Na base do niilismo atual encontra-se a moral, em especial a moral cristã, com sua busca por verdade<sup>8</sup>, esta vontade de verdade que o cristianismo plantou no homem o levou a buscar cada vez mais a verdade, processo que se intensificou na ciência, e acabou por desmascarar a moral e seu fundamento máximo – Deus. A ciência, herdeira da vontade de verdade da moral, acabou voltando-se contra a própria moral e atacando-a naquilo que ela tinha de mais importante: a crença em um ser soberanamente bom e justo e que dava sentido à vida. Todavia com o enfraquecimento das religiões o homem ainda buscou na ciência um sentido para a vida. Na passagem do século XIX para o século XX havia uma forte crença na ciência, na capacidade da ciência de solucionar os problemas humanos e dar sentido para a existência a partir de uma ética universal e racional. Todavia as duas grandes guerras e a corrida armamentista que o século XX viu foram suficientes para mostrar a incapacidade da ciência para criar valores. Isso causou inevitavelmente um aprofundamento do niilismo, novamente a vida humana vagava sem sentido pelo espaço de suas próprias possibilidades. Para Nietzsche este niilismo abre duas grandes possibilidades, uma é o ressentimento, a outra é a postura ativa, o niilismo ativo de Nietzsche.

Aqui entram os fundadores da vila. É a perda dos valores que os leva a fundar a vila. Poderíamos dizer que a violência da qual todos eles foram vítimas estava ligada também a este niilismo. Mas eles não se tornam niilistas ativos e afirmadores da vida em seus múltiplos aspectos. Eles se tornam ressentidos, ressentem-se tanto com a perda dos valores supremos, que fogem desta realidade na qual o mundo aparece sem máscaras e tentam criar uma nova realidade, na qual

---

<sup>8</sup> Para isso basta lembrar a frase de Jesus que tomei como epígrafe para este artigo: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

possam imprimir no mundo sua própria Vontade de Poder. Mas isso é ressentimento, a vila é Vontade de Poder ressentida, Vontade de Poder decadente porque não consegue afirmar a vida e passa a negá-la em todas as suas pulsões, tanto as belas quanto as horríveis.

O ressentimento está também na base daqueles homens que Nietzsche nomeia de fracos, eles são os que não conseguem viver com a idéia de que a vida não tem um fundamento que ao mesmo tempo também é sentido, e buscam um novo fundamento para a vida, eles tornam-se fundamentalistas. Os fundadores da vila são esse tipo fraco e é por isso que tornam-se fundamentalistas, mas não apenas no sentido de que fundam algo, mas no sentido de que revalorizam a idéia de que a vida carece de fundamentos para existir. Aqui podemos fazer a passagem do fundamentalismo à violência.

A vila enquanto ato da Vontade de Poder de seus fundadores foi criada para fugir da violência, violência que nas cidades estava ligada à perda dos valores eternos, que sustentavam a ética das pessoas a partir da moral cristã. Para os fracos a perda deste fundamento implica em uma total liberação da vida, pois eles nunca amaram os valores que defendiam, apenas temiam as conseqüências funestas de sua desobediência, logo, com a desvalorização destes valores, podiam liberar novamente seus instintos mais primitivos. A moral foi a camisa de força que os conteve, como afirma Nietzsche no trecho abaixo:

O super animal. – A besta que existe em nós quer ser enganada; a moral é mentira necessária, para não sermos por ela dilacerados. Sem os erros que se acham nas suposições da moral, o homem teria permanecido animal. Mas assim ele se tomou por algo mais elevado, impondo-se leis mais severas. [Nietzsche, 2000a, p. 49.]

O que os fundadores da vila não percebem é que eles estão profundamente afetados por este niilismo que arruína os valores éticos e que nas cidades conduz ao caos e ao homicídio, somente isso lhes permite usar a violência como regra de bem proceder na manutenção da vila. Só através do medo e do terrorismo que “aqueles de quem não falamos” representam aos jovens do grupo, era possível manter o grupo. Os fundamentos para serem novamente recriados e se solidificarem a ponto de sustentarem uma nova moral, carecem da imoralidade que no futuro eles mesmos condenarão. Aqui Nietzsche mostra-se mais uma vez brilhante e original, ao afirmar que a moral em sua fundação, nunca pôde prescindir dos instrumentos imorais que ela mesma condenará no futuro. Os fundadores já levam para dentro de sua vila a violência que queriam deixar de fora, o seu paraíso terreno já está manchado por um pecado original.

A relação entre últimos homens e o fundamentalismo aparece de um modo bastante intenso em *Assim Falou Zaratustra*. Um dos pontos mais interessantes nesta temática é que os últimos homens admitem a morte de Deus, porém não conseguem viver sem o que a religião sempre significou em suas vidas: ao mesmo tempo fundamento e sentido final, e logo que Zaratustra se afasta eles fazem uma festa na qual adoram um asno<sup>9</sup>, e sob as repreensões de Zaratustra confessam-se saudosos de Deus. É este saudosismo, que se mostra como incapacidade de governar a si próprio carecendo de uma força superior e externa que o faça, que os leva a

---

<sup>9</sup> Sobre a adoração do asno e o sentido deste animal na filosofia de Nietzsche ver: SALAQUARDA, Jörg. **Zaratustra e o Asno**. In: MARTON, Scarillet (org.). **Nietzsche na Alemanha**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí RS: Editora Unijuí, 2005.

construir um novo fundamento, no Zaratustra teria sido a festa do asno, no filme de Shyamalan este novo fundamento é a vila. Este saudosismo também é a base do ressentimento.

O ressentimento em Nietzsche, em especial no Zaratustra, é visto sob um duplo registro, por um lado é o próprio saudosismo, saudade de uma experiência vivida e que não pode ser repetida; e por outro é uma mágoa contra o acontecido que não pode ser revivido ou desfeito. Na base de todo ressentimento, em qualquer um dos dois registros, está uma questão não resolvida com o passado. O passado para Nietzsche é o ponto crucial no qual se radica todo ressentimento, é também o desafio máximo à toda Vontade de Poder, a este respeito afirma em *Assim Falou Zaratustra*:

Vontade – é este o nome do libertador e trazedor de alegria: assim vos ensinei, meus amigos! Mas, agora, aprendei também isto: a própria vontade ainda se acha em cativeiro.

O querer liberta: mas como se chama aquilo que mantém em cadeias também o libertador?

“Foi assim”: é este o nome do ranger de dentes e da mais solitária angústia da vontade. Impotente contra o que está feito – é ela um mau espectador de todo o passado.

Não pode a vontade querer para trás; não pode partir o tempo e o desejo do tempo – é esta a mais solitária angústia da vontade.

O querer liberta; e que inventa a própria vontade, para livrar-se da angústia e zombar da sua prisão?

Doido, ai de nós, torna-se todo o prisioneiro! E pela doidice redime-se, também, a vontade prisioneira.

Que o tempo não retroceda, é o que a enraivece; “Aquilo que foi” – é o nome da pedra que ela não pode rolar.

E assim, de raiva e despeito, vai rolando pedras e vingando-se naquilo que não sente, como ela, raiva e despeito.

Destarte, a vontade libertadora torna-se causa de dor; e, em tudo o que pode sofrer, vingando-se de não poder retroceder.

Isso, sim, só isso já é uma vingança: a aversão da vontade pelo tempo e seu “Foi assim”. [Nietzsche, 1977, p. 151.]

Quando afirmei anteriormente que o que distingue os homens superiores dos inferiores para Nietzsche é apenas uma questão de grau, o grau de seu ressentimento, me referia à esta incapacidade de lidar com o passar do tempo. O fundamentalismo é um ressentimento com um mundo que se modificou, e se modifica sempre, o fundamentalismo enquanto esse esforço por paralisar experiências vividas no tempo, é na verdade, um medo do devir e das mudanças nele implícitas.

Para Nietzsche em face do tempo, os homens sempre se ressentem, os mais ressentidos criam um mundo imaginário, o mundo metafísico, onde o tempo não passa (eternidade), e não passando não é necessária a cisão entre o acontecido e o por acontecer. Já os mais fortes, aceitam essa condição de irreversibilidade do tempo, o que não quer dizer que vivam bem com ela, eles são o paciente terminal que aceita a morte por saber que não pode livrar-se dela, mas que a odeia.

Ao diagnosticar esse niilismo por toda a Europa de seu tempo, Nietzsche propôs a vivência do niilismo sob um novo registro, que ele chamou de niilismo ativo, que nada mais é do que encarar a ausência de fundamentos e fins na existência, como a possibilidade máxima de criação. Se nada disso existe, que o homem crie tudo, através da mentira criativa, ou seja, através de novas combinações sobre o valor das coisas e de novas promessas assumidas entre os homens fortes e superiores.

Moral privada e moral mundial – após o fim da crença de que um deus dirige os destinos do mundo e, não obstante as aparentes sinuosidades no caminho da humanidade, a conduz magnificamente à sua meta, os próprios homens devem estabelecer para si objetivos ecumênicos, que abranjam a Terra inteira. A antiga moral, notadamente a de Kant, exige do indivíduo ações que se deseja serem de todos os homens: o que é belo e ingênuo; como se cada qual soubesse, sem dificuldade, que procedimento beneficiaria toda a humanidade, e portanto que ações seriam desejáveis; é uma teoria como a do livre-comércio, pressupondo que a harmonia universal tem que produzir-se por si mesma, conforme leis inatas de aperfeiçoamento. Talvez uma futura visão geral das necessidades da humanidade mostre que não é absolutamente desejável que todos os homens ajam do mesmo modo, mas sim que, no interesse de objetivos ecumênicos, deveriam ser propostas, para seguimentos inteiros da humanidade, tarefas especiais e talvez, más, ocasionalmente. – Em todo caso, para que a humanidade não se destrua com um tal governo global consciente, deve-se antes obter, como critério científico para objetivos ecumênicos, um conhecimento das condições da cultura que até agora não foi atingido. Esta é a imensa tarefa dos grandes espíritos do próximo século. [Nietzsche, 2000a, pp. 33-4.]

O importante para Nietzsche é que estas novas mentiras nunca se esqueçam de sua origem, e não se tomem por verdades absolutas, imortais e inacabáveis, pois no momento em que fizerem isso, retornam imediatamente para a vila do ressentimento e do fundamentalismo.

### *Conclusão.*

O fim do filme representa um novo início para a vila, uma espécie de redenção moralista. A morte de Noah Flint na floresta repete até mesmo o enredo teológico cristão, no qual a redenção se dá pela morte de um inocente. Morte que é responsabilidade de todos e não é de ninguém, pois a única pessoa presente no acontecimento não poderia ser diretamente responsável pelo acontecimento, porque embora o tenha planejado, estava apenas se defendendo. E assim como no enredo cristão, Deus aceita a morte de Jesus como elemento de redenção da humanidade, os pais de Noah também aceitam que a morte dele seja utilizada como reafirmação da existência “daqueles de quem não falamos”: os pais aceitam a morte do filho como ponto da redenção de todos. O filme deixa transparecer que Noah se tornaria uma espécie de herói, o primeiro a ser morto por “aqueles de quem não falamos” por ter rompido a regra básica da vila: não ir às suas florestas. Somente a morte de Noah permite que os anciãos reafirmem suas vontades, e sigam querendo aquilo que quiseram no princípio da vila.

Aqui há uma aparente ambigüidade: e quanto à Ivy que rompeu a regra de não ir à floresta e continua viva? Ivy conhece a verdade sobre a vila, embora o ataque de Noah possa tornar essa crença incerta para ela. Ela é também uma espécie de heroína: sem seu retorno e seu testemunho, a morte de Noah não faria sentido e a vila não poderia continuar. É o depoimento dela que dá valor à morte de Noah. O conhecimento que ela adquire fora da vila a afasta dos outros jovens e a aproxima inevitavelmente dos anciãos, porém sob um pacto ainda mais forte: o pacto de sangue. Claro que poderíamos evocar Freud e sua refeição totêmica, descrita em *Totem e Tabu* como elemento a partir do qual se forma uma comunidade, afinal, se Ivy e o conselho dos anciãos não são responsáveis diretos pela morte de Noah, o são quando aceitam que seu sangue derramado sirva de móvel para a continuação da vila.

Recuo um pouco mais no tempo porém, e recordo Dostoiévski em seu brilhante romance *Os Demônios*, mais especificamente o diálogo travado entre os dois “conspiradores políticos” Piotr Stiepánovitch e Nikolai Vsievolófovitch sobre a morte de um terceiro, pelo grupo revolucionário do qual faziam parte:

Todo esse funcionalismo e esse sentimentalismo, tudo isso é um bom grude, mas existe uma coisa ainda melhor: convença quatro membros do círculo a matarem um quinto sob o pretexto de que ele venha a denunciá-los, e no mesmo instante você prenderá todos com o sangue derramado como se fosse um nó. Eles se tornarão seus escravos, não se atreverão a rebelar-se nem irão pedir prestação de contas. [Dostoiévski, 2004, p. 375.]

É o sangue derramado junto ou o aproveitamento deste sangue que fortalece a moral, moral que no futuro condenará o derramamento de sangue. Somente este laço pode torná-la o fundamento de uma sociedade. Talvez por isso o cristianismo precise ainda hoje de um cristo pregado a uma cruz.

#### Bibliografia.

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, 15 volumes. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1988.
- \_\_\_\_\_. A “Grande Política”, fragmentos. Introdução, seleção e tradução: Oswaldo Giacóia Jr.. Campinas: Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH-UNICAMP, 2002a.
- \_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2000a.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Fragmentos Finais*. Seleção, tradução e prefácio: Flávio R. Kothe. Brasília: Editora universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002b.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000b. (Conexões 8).
- \_\_\_\_\_. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1977.
- \_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 1992.
- MARTON, Scarlett (org.). *Nietzsche na Alemanha*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí RS: Editora Unijuí, 2005.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Os Demônios*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Tradução: Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução: Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Vejo a distância  
cada armadilha  
Piso no ar  
com a cautela  
da mosca  
Mas é tão doce  
e bonita  
cada uma delas  
que vou me jogando  
numa após outra,*

**CARLOS MOREIRA**